
UMA TARDE
PRAZEROSA
UM CONTO SEXY E ENVOLVENTE DE
ANNE MILLER

UMA TARDE PRAZEROSA

UM CONTO SEXY E ENVOLVENTE DE

ANNE MILLER

Copyright © 2022 — Anne Miller

UMA TARDE PRAZEROSA

1ª Edição digital: Março de 2022

Todos os direitos reservados. É proibido qualquer tipo de reprodução, armazenamento ou transmissão desse livro sem a autorização por escrito da autora. A reprodução não autorizada desta obra, total ou parcial, constituí violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98).

- **Capa:** Anne Miller
- **Imagem:** @Crello
- **Edição digital:** Março de 2022

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido uma mera coincidência.

Precisa falar comigo?

- **E-mail:** autoraannemiller@gmail.com.
- **Instagram:** @iannemiller.



Índice

[Índice](#)
[Parte I](#)
[Parte II](#)
[Parte III](#)
[Parte IV](#)
[Conheça os Meus Outros Trabalhos](#)
[Anne Miller](#)

Parte I

— E o Vinicius, amiga? Ele está gostando da faculdade? — Fabiana questionou-me pelo telefone. — As coisas estão tão corridas que eu até esqueci de perguntar.

Voltei o meu olhar para a rua e, assim que o sinal abriu, tornei a acelerar o carro.

— Sempre foi o sonho do Vinicius estudar direito. Então, ele está bem animado com tudo — respondi com as minhas mãos no volante. — É tão estranho pensar que o meu filhinho já está na faculdade... E passou tudo tão rápido.

— Mais um motivo pra você dar um rumo novo na sua vida amorosa, né Luzia?

Revirei os meus olhos, já que Fabiana sempre tocava nessa minha ferida aberta. Se eu falasse um “A”, a resposta seria algo como “dar um novo rumo” e “vida amorosa”, tudo na mesma frase.

Como sabia que aquela cretina não largaria aquele osso, prossegui, mentindo: — Eu não tenho ideia do que você está falando.

— Ah, não tem? Então deixa que eu explico... Você tem que começar a sair de casa, mulher — ela respondeu-me, despertando uma careta no meu rosto. Detestava entrar nesse assunto e sabia que o motivo era porque Fabiana não estava mentindo, que eu realmente não tinha uma vida fora trabalho e responsabilidades como mãe. — Faz quanto tempo que você não transa?

Às vezes, eu detestava a intimidade que possuíamos.

Conhecia Fabiana há mais de quinze anos. Havíamos trabalhado na mesma empresa e, desde então, seguíamos como melhores amigas. A nossa relação de amizade durou mais do que qualquer relacionamento amoroso que eu já tive, incluindo o com o pai do meu filho.

— Isso... Isso não vem ao caso, Fabiana — esquivei-me daquela sua pergunta indiscreta. — Eu sou uma pessoa independente e não preciso...

— Já deve ter teia de aranha aí dentro! — ela me interrompeu, como se o seu objetivo fosse me matar de vergonha. — Se você tem medo de usar um aplicativo e conhecer gente pra um relacionamento real, então faz como eu e entra naquele site que conversamos, contrata um garoto de programa e se diverte um pouco. Garanto que você não vai se arrepender.

Fiquei tão constrangida que perdi a noção de tempo e espaço, o sinal fechou e eu não desacelerei, batendo atrás do carro que estava na minha frente.

— Amiga?

Desliguei a ligação e respirei fundo duas vezes em uma tentativa fracassada de me acalmar. Desci do carro ainda com o meu coração acelerado, sem a mínima ideia de como lidar com aquele problema.

Era como se tivesse desaprendido como caminhar.

Dei passos lentos na direção do outro carro.

O estrago no outro veículo não havia sido tão feio quanto imaginei, mas a frente do meu estava detonada. Não tinha ideia de como o airbag não havia sido acionado com todo aquele estrago. Foi um desses momentos em que tudo o que pensei foi *“ainda bem que eu tenho seguro”*.

— Como foi que você conseguiu bater num carro que estava praticamente parado? — A voz grave do motorista soou, deixando-me ainda mais desconcertada. Ele não estava gritando, mas falava com uma seriedade que causava praticamente o mesmo efeito em mim. — Estava dormindo no volante, porra?

Eu me virei para encará-lo e, assim que vi a expressão furiosa de seu rosto, fiquei ainda mais desestabilizada.

Era a primeira vez que eu batia o carro, nunca havia acontecido nada minimamente parecido antes. O mais perto que cheguei disso, foi quebrar o espelho retrovisor de outro veículo, algo que eu não considerava como “batida”.

Sempre tive um pavor imenso desses conflitos.

Era tímida demais para resolver isso sem surtar internamente e gaguejar no lado externo.

Estava tão atônita que nem ouvi mais as outras reclamações dele. Só sabia que o desconhecido ainda estava falando porque via os seus lábios se movimentarem, assim como a expressão mau humorada prosseguia em seu rosto, mostrando-me que ele devia estar com muita raiva de mim.

As minhas pernas amoleceram, minha cabeça pesou e então tudo ficou preto. Perdi todos os meus sentidos e desabei,

desmaiando no meio da rua.



— Moça?

Moça?

Despertei com a voz — agora mais suave — do motorista.

Abri os meus olhos lentamente e então me assustei ao me dar conta de que o rosto dele estava próximo demais do meu.

E de que eu estava deitada.

Todo o mal-estar fez com que eu demorasse a notar que estava em seus braços.

O desconhecido havia me pegado no colo. Aparentemente, ele tinha me impedido de me esborrachar vergonhosamente naquele asfalto.

— Está melhor agora? — ele questionou, ainda utilizando de um tom mais calmo, o oposto do que ocorrera há pouco tempo, antes de eu desmaiar.

Nossos rostos estavam tão próximos que podia ver até os fios ralos de sua barba por fazer. Sentia também o seu perfume forte, que tinha certeza absoluta de que ficaria impregnado em mim com toda aquela nossa proximidade.

Depois que todo o choque do acidente passou e estava um pouco mais calma, finalmente consegui observá-lo adequadamente,

sem que ele se parecesse apenas com um borrão falando alto e de forma mal-humorada comigo.

Não precisei olhar muito para chegar à conclusão de que o motorista era um homem jovem e muito bonito. Moreno, ele possuía olhos escuros e brilhantes, e seu rosto era quadrado, com o maxilar bem definido, mas não ao ponto de se parecer com uma harmonização facial ruim.

— Eu... eu estou bem, obrigada — disse a ele, um tanto intimidada por seu olhar intenso. Como ele continuou me observando daquela mesma forma, como se estivesse analisando cada pedacinho do meu rosto, prossegui: — Você... você já pode me colocar no chão.

Se antes estava envergonhada por bater no carro dele, agora o desconcerto era por ter ficado tanto tempo em seus braços, com os nossos rostos praticamente colados.

— Tem certeza de que não vai desmaiar de novo? — ele questionou, parecendo realmente preocupado comigo. — Se eu não tivesse sido rápido, você teria caído no chão. — Ele não me deu tempo de me explicar, emendando: — Eu acho melhor levar você pro hospital.

— Não, não precisa... Isso... Desmaiar... Acontece quando fico muito nervosa — comentei, dando-me conta de que ainda tinha o problema do carro dele para resolver. O rapaz não pareceu muito convencido, mantendo-me em suas mãos. — Eu juro que não vai acontecer de novo.

— Vou confiar em você, hein? — ele comentou, ao me colocar no chão. — Mas se desconfiar que você não está bem, vou te levar à força pro hospital. O.K?

Confirmei com um aceno de cabeça, não duvidando de sua ameaça.

— Tudo bem.

Voltei o meu olhar para o carro dele e fechei os meus olhos, morrendo de desgosto e de vergonha.

Como podia ter sido tão desatenta?

Não era apenas uma questão de prejuízo financeiro, mas de segurança. Coloquei a vida de outras pessoas em risco porque era estúpida demais para dirigir enquanto falava ao telefone com a tagarela da minha melhor amiga.

Sentia-me uma garota de dezoito anos, que havia acabado de tirar a carteira de motorista.

— Eu estou morrendo de vergonha pelo que aconteceu... Não sei nem o que te dizer — disse sendo muito sincera quanto ao que havia acontecido. — Isso... Eu bater atrás de alguém... Nunca me aconteceu antes. Mil desculpas. Eu prometo que vou pagar por tudo. Tenho seguro... Eles vão cobrir todos os gastos, eu juro que você não precisa se preocupar com nada.

— Chamei um guincho pro seu carro — ele disse, pegando-me de surpresa. — Fiz isso enquanto você ainda estava desmaiada nos meus braços. Se não tivesse acordado logo, teria ligado pra emergência também.

— Ah, o meu filho vai me matar! — pensei em voz alta, lembrando-me de Vinicius. — Ele vai me dizer que eu é que sou a criança irresponsável da casa.

— Ele está entrando na adolescência agora? — o homem questionou, levando os seus olhos na direção do meu rosto.

— Começou a faculdade no mês passado — respondi, sentindo um orgulho enorme.

Desde que Vinicius passou no vestibular ganhando uma bolsa integral, devo ter falado sobre isso mil vezes e nunca me cansava. Morria de orgulho sempre que me lembrava disso, de que o meu filhinho estava numa faculdade incrível e que conseguiu isso por mérito próprio.

— Faculdade? — ele respondeu num tom de surpresa. — Quantos anos você tem?

— Isso não é o tipo de pergunta que se faz pra uma mulher — brinquei. Ele sorriu envergonhado e isso me fez responder: — Quarenta e dois.

O motorista riu como se eu estivesse lhe contando uma piada.

Ao notar que continuei séria, ele emendou: — Você... você está falando sério? — Não precisei lhe dizer mais nada, a minha expressão deu conta do recado. — Não parece... Pra mim, você tinha no máximo uns trinta.

Uns trinta?

Definitivamente, era o melhor elogio que havia recebido no último mês.

Sempre fui uma mulher muito vaidosa, nunca deixei de me cuidar — mesmo depois que o pai de Vinicius me traiu, colocando um fim em nosso casamento e, consequentemente, fazendo com que eu entrasse em uma fase depressiva —, mas, ainda assim, fazia tempo que não era elogiada por um homem, principalmente um mais novo.

— Obrigada... Vou levar isso aí como um elogio — agradeci um pouco desconcertada. — Quem deve ter uns trinta é você.

— Quase... Eu tenho vinte e cinco — ele respondeu, chocando-me por ser tão novinho, apenas cinco anos mais velho que o meu filho.

— Nossa... Você aparenta ser mais velho — disse sem pensar muito bem. Ao me dar conta de que isso podia muito bem soar como uma ofensa, fiz questão de completar: — Desculpa, isso aí saiu errado... Não digo em questão de beleza, até porque, convenhamos, você é um rapaz muito atraente. Eu me refiro a maturidade mesmo, você parece um homem e não um moleque… Talvez seja porque a primeira impressão que tive de você, foi quando estava brigando comigo.

Ele riu e isso me deixou ainda mais envergonhada.

E, usando as mesmas palavras que eu havia pronunciado, ele respondeu: — Vou levar isso aí como um elogio. E eu não deveria ter brigado, mesmo você merecendo muito o meu esporro.

Esporro.

O desconhecido sorriu assim que pronunciou essa palavra, mas, dessa vez, não era como os seus outros sorrisos.

Não.

Agora existia uma malícia evidente.

Se eu não tivesse quase o dobro da idade dele, diria que aquele rapaz estava flertando comigo.

“Até parece” debochou o meu subconsciente.

Felizmente o guincho apareceu e isso impediu com que eu continuasse me envergonhando em frente a ele — e que fantasiasse coisas que claramente não existiam fora da minha mente.

— Desculpe... Eu... eu ainda não sei o seu nome — comentei logo depois de ele me passar o seu número de telefone e eu não ter ideia do que deveria colocar no contato.

— Diogo — o motorista respondeu. Com um sorriso bonito nos lábios, ele acrescentou: — Prazer.

Tímida e sem jeito, retribui o sorriso.

— Prazer, Diogo. Eu me chamo Luzia.

Parte II

— Mais uma vez, desculpa por tudo — disse assim que o guincho se afastou de onde nós estávamos. — Vamos conversando por mensagem... Aí você me passa os seus dados pra eu acionar o seguro e resolvemos toda essa confusão que eu causei.

Abri o aplicativo do Uber e, por algum motivo, comecei a me afastar dele antes mesmo de confirmar a corrida.

— Quer uma carona? — ofereceu ele, fazendo com que os meus olhos deixassem a tela do meu celular. — Felizmente, você só destruiu o para-choque e parte da lataria do meu carro.

— Não... não precisa.

— Que isso, Luzia. Eu faço questão!

Poderia recusar mais uma vez, mas, por algum motivo — talvez porque aquele rapaz era muito charmoso e fazia muito tempo que não estava na companhia de um homem assim —, aceitei a sua carona.

Entrei em seu carro e forcei um sorriso, sem saber o que deveria dizer ou fazer.

— Cinto! — ele disse num tom de ordem, com os olhos negros em meu rosto. Diogo sorriu e então completou: — Já pensou se uma louca resolve bater atrás do meu carro?

Revirei os meus olhos e respondi, enquanto colocava o cinto de segurança: — Pra sua informação, foi a primeira vez que essa

louca bateu no carro de alguém.

— Não sei se acredito, hein? — ele disse, com os olhos na estrada. O olhar do moreno veio na minha direção. — A minha regra número um é: nunca confie numa mulher bonita.

O elogio me pegou desprevenida e me deixou sem graça.

Simplesmente sorri, sem a mínima ideia do que lhe dizer.

Se antes achava que o flerte era apenas uma fantasia da minha mente, agora tinha certeza de que estava mesmo acontecendo, de que, por alguma razão, aquele rapaz jovem e bonito estava mesmo dando em cima de mim.

— Você faz o quê? — mudei o rumo daquela conversa.

— Ah, eu faço muitas coisas, Luzia — ele respondeu rindo. A malícia tornou a refletir em sua expressão facial. — Você se surpreenderia se eu te contasse.

Droga.

— Profissionalmente — acrescentei, claramente fugindo daquele seu *"faço muitas coisas"*.

— No momento, eu estou focando em encontrar a minha paixão — Diogo respondeu, ainda com os olhos na estrada.

Em outras palavras, ele era desempregado.

— E você, o que faz? — Diogo devolveu a pergunta. — Além de, é claro, destruir bens alheios por aí.

— Trabalho... trabalho vendendo marmitas fit — contei a ele, não conseguindo pronunciar uma simples frase sem me embananar

toda. — Faço elas em casa.

— Aposto que essa sua marmita fit é uma delícia — ele comentou com um sorriso cafajeste. Os olhos dele voltaram-se brevemente para o relógio em seu pulso. — Já tá quase hora do almoço... Acho que vou acabar comendo a sua marmita.

Diogo nem disfarçava o duplo sentido de sua frase.

Meu rosto ficou tão vermelho ao ponto de eu senti-lo queimar.

— É se-segunda... — disse com um pouco de dificuldade. — Não... Não vendo marmitas hoje.

Diogo parecia se divertir com o meu desconcerto.

Safado!

— Você vai mesmo deixar o dono do carro que você destruiu ficar com fome, Luzia? — ele questionou, trazendo o seu olhar para o meu rosto por alguns instantes. — Não existe um juramento das cozinheiras ou algo assim que me impeça de ficar com fome?

Estava envergonhada demais para responder.

Porém, encontrei forças para lhe explicar: — Faço... Eu faço as marmitas no fim de semana e tiro a segunda-feira para entregá-las. Eu estava fazendo isso antes de bater no seu carro. — Antes que ele pudesse perguntar se havia sobrado alguma, completei: — Sorte que consegui entregar todas elas antes do acidente.

— Uma pena... Acho que vou ter que comer outra coisa — ele respondeu-me, ainda utilizando-se de uma entonação sexual.

Fiquei em silêncio e desviei o meu olhar dele, levando-o para o vidro do carro, observando a paisagem urbana.

— As minhas cantadas são tão ruins assim? — Diogo me perguntou, finalmente assumindo que estava dando em cima de mim. — Acredite ou não, elas costumam funcionar. — Como continuei calada, ainda sem ideia de como agir, o rapaz acrescentou: — Desculpa constranger você com isso, eu prometo que não vai mais acontecer… Sou um jogador bom, mas também sei a hora de abandonar uma partida.

Eu estava constrangida, mas não era um constrangimento ruim, como se ele estivesse me assediando. Gostei de estar sendo cortejada por ele. E esse era justamente o problema, eu querer tanto aquilo, com um homem que tinha apenas vinte e cinco anos.

— Não... Não é isso, Diogo... Você não me constrangeu, não dessa forma... É que eu... eu tenho quase idade para ser a sua mãe — disse, finalmente olhando na direção dele. — Estou muito lisonjeada, mas você deveria guardar essas cantadas para as garotas da sua idade.

— O problema é que eu quero gastar cada uma delas com você... Não com essas garotas sem graça — ele insistiu, arrancando-me um sorriso. — E não sou uma criança, Luzia. Sou um homem bem crescido... E, se você quiser, hoje eu posso ser o seu.

Eu queria.

Ah, como eu queria.

Contudo, sentia-me envergonhada só com o pensamento de tê-lo como o *“meu homem”*.

— Chegamos — ele anunciou, trazendo-me dos meus pensamentos mais pervertidos. — Sobrado amarelo, número trinta e oito.

Forcei um sorriso e tirei o cinto de segurança. Queria simplesmente pular para fora do carro, mas antes que tivesse oportunidade de fazer isso, Diogo acrescentou: — E aí, vai mesmo me deixar com fome, Luzia?

Ouvi a voz de Fabiana questionando: *“faz quanto tempo que você não transa?”*.

Eu já nem me lembrava mais.

Após o fim do meu casamento com o pai de Vinicius, não havia me encontrado com muitos homens e, com o tempo, parei de me preocupar com isso, focando completamente em meu filho e nas necessidades dele. Ainda sentia falta do contato físico e de estar com um homem — isso nunca ia embora —, mas sempre ignorava esse meu desejo, agia como se não fosse importante.

Levei os meus olhos até aquele rapaz lindo e, uma vez mais, questionei mentalmente o que ele queria comigo, uma mulher de quarenta e dois anos que nem mesmo se lembrava da última vez que havia transado.

Talvez fosse apenas uma piada para ele, uma história engraçada que ele contaria mais tarde para os amigos. Talvez eu realmente me tornasse a “coroa” que ele traçou por diversão, só mais uma figurinha em seu álbum.

Mas, no fim das contas, nada disso importava.

Não importava porque eu o queria.

E pela primeira vez em anos, não ignoraria esse desejo.

— Acho que posso oferecer uma xícara de café para você — respondi, entrando naquele seu jogo perigoso de sedução.

Parte III

Enquanto caminhávamos na direção do portão de casa, fiquei um pouquinho paranoica, olhando para os lados e certificando-me de que ninguém estava me vendo ao lado daquele homem atraente e jovem.

Ficava desconcertada apenas de imaginar um dos meus vizinhos nos observando e tinha consciência do quanto isso era ridículo, já que nenhum deles pagavam as minhas contas.

Destranquei a porta da casa e, assim que entramos, Diogo pulou em cima de mim como um animal faminto, beijando-me de maneira voraz.

Não fiz praticamente nada, simplesmente deixei com que aquele homem conduzisse o beijo, tomando-me como dele, deixando mais do que claro que eu o havia aceitado como o *“meu homem”* naquela tarde de segunda-feira.

Após a terceira vez em que os nossos lábios se tocaram, a minha timidez finalmente me deu uma folga, permitindo com que eu aproveitasse o momento. Os nossos beijos ficaram cada vez mais intensos e antes que pudéssemos chegar ao meu quarto, Diogo já estava se despindo na minha frente, desabotoando a sua camisa.

— Eu... — Fiz uma careta, detestando-me por estar interrompendo a coisa mais interessante que havia acontecido comigo nos últimos meses. — Eu não sou assim.

Os olhos negros dele voaram na minha direção e, acompanhado de uma expressão séria, Diogo perguntou: — Assim como?

— Do tipo que faz isso.

— Sexo?

Tecnicamente, ele não estava errado.

Baseando-me nos meus últimos meses — anos, se fosse sincera —, a palavra sexo não existia mais no meu vocabulário.

Contudo, não diria algo assim para ele.

— Fazer isso com um desconhecido — esclareci, evitando o contato com os seus olhos e a palavra “sexo”. — Eu não sou esse tipo de mulher. — Assim que pronunciei essa frase e notei o quanto havia saído errado, num tom que podia ser interpretado até como machista, consertei: — Não que exista algum problema em transar com um desconhecido... Eu mesma queria muito ser assim, queria não me importar com o que as pessoas pensam de mim e...

Ele tornou a me beijar, levando com ele todas as minhas palavras e ansiedade. Aquilo me surpreendeu tanto ao ponto de eu não ter ideia do que estava tentando lhe dizer antes do beijo ocorrer. Naquele momento, tudo o que estava em minha mente era a imensa vontade de dar continuidade naquilo, todo o meu desejo pelo homem parado bem na minha frente.

— Diogo Ferreira — ele me disse, estendendo-me a sua mão grande.

Isso roubou-me um sorriso.

Eu a apertei e respondi: — Luzia Silva.

Com um sorriso malicioso, ele continuou: — Viu só? Sabemos até o sobrenome um do outro, não somos mais estranhos. — Ele riu e então pronunciou: — E sabe o que isso significa, Luzia Silva? Que você já pode foder comigo.

Deveria apenas sorrir e deixá-lo conduzir o sexo — um que eu necessitava e muito —, mas tornei a externalizar os meus pensamentos.

— O que foi que você viu em mim? — questionei, ainda tentando entender toda aquela sua estranha atração por mim.

Não era falta de autoestima.

E não, eu não estava me rebaixando.

Simplesmente não tinha como ignorar a nossa grande diferença de idade. Não tinha como fechar os olhos para o fato de que Diogo poderia sair com qualquer garota, todas elas se jogariam em cima dele na primeira oportunidade. Mas, ainda assim, aquele homem estava ali, enchendo-me de elogios, como se eu também tivesse vinte e cinco anos.

Era muito difícil não pensar que, em algum momento, ele me amarraria dentro de casa e roubaria todas as minhas coisas, mostrando-me que tudo aquilo não passava de um golpe bem pensado para enganar uma trouxa iludida.

— O que foi que eu vi? Uma mulher muito bonita... E, como não sou de ferro, isso me deixou excitado — ele respondeu, roubando-me um sorriso. — Quer uma prova do quanto você mexe comigo, Luzia?

Balancei a cabeça confirmando, então ele pegou a minha mão e a levou na direção de sua calça. Descobri como teria a minha prova tarde demais, quando os meus dedos já tateavam o cacete dele por cima do tecido.

Diogo estava muito, muito duro.

Isso fez com que o meu rosto queimasse e, consequentemente, com que eu tirasse a minha mão de lá o mais rápido que pude.

— Por que você não me mostra o seu quarto e então a gente resolve logo esse meu problema, hein? — ele sussurrou, arrepiando-me apenas com o som de sua voz.

Balancei a cabeça, concordando com aquela ideia maluca e comecei a caminhar até as escadas, seguindo na direção do quarto, realmente disposta a fazer aquilo.

Diogo me acompanhou e, enquanto andava, continuava a se despir. Quando cruzamos a porta, ele já estava sem a camisa, com o seu abdome espetacular totalmente a mostra. O moreno veio em minha direção lentamente, como se realmente quisesse me dar tempo para apreciar cada um dos músculos de seu corpo escultural.

Eu estava louca para correr em sua direção e lamber cada pedacinho deles, mas me controlei, deixando-o finalizar a sua caminhada sexy.

— Você é tão gostoso! — pensei em voz alta, demorando a me dar conta de que realmente havia pronunciado aquilo.

Ele riu, deixando-me ainda mais vermelha e, quando estava bem próximo de mim, respondeu, olhando dentro dos meus olhos:

— Você que é uma delícia, Luzia Silva.

Suas mãos ávidas correram em direção aos meus seios, apertando-os com força e ousadia, enrijecendo-os no mesmo instante. Tudo estava ficando cada vez mais duro e quente, a sua presença me queimava. No entanto, antes que eu pudesse entrar em combustão, os seus lábios tornavam a visitar os meus, refrescando-me com os seus beijos molhados e cada vez mais intensos.

Meus pensamentos tornaram a me sabotar, era como se a minha mente estivesse empenhada em destruir toda a nossa química.

— Meu filho... Ele tem quase a sua idade...

— Eu não ligo. — Eu não tinha nem resposta para isso, mas ele não esperou, continuando: — Mesmo se você fosse a mãe gostosa de um dos meus amigos, isso não mudaria nada... Ainda teria você.

Não duvidava disso.

Diogo havia se mostrado um verdadeiro cafajeste.

E eu estava amando isso nele.

Com a sua ajuda, tirei a minha blusinha, ficando apenas com o meu sutiã de renda, que, instantaneamente, ganhou toda a sua atenção.

Eu podia sentir a sua respiração acelerar conforme nossos corpos tornaram a se aproximar. De repente, já não havia mais espaço distanciando-nos, as minhas costas já estavam coladas na

parede e o seu corpo continuava a me pressionar, como se essa nossa proximidade ainda não fosse o suficiente.

Estava intimidada pelo seu corpo grande e pelos seus olhos que não me deixavam fugir.

Acho que nunca desejei tanto um homem quanto naquele momento.

Talvez fosse o tempo que passei sem me relacionar com mais ninguém. Ou então talvez fosse apenas o fato de Diogo ser um homem muito bonito. Eu não sabia ao certo, mas meu corpo ardia e parecia gritar por ele.

Como se quisesse provar toda a sua experiência, ele removeu o meu sutiã sem nenhuma ajuda, deixando a parte de cima do meu corpo completamente exposto.

Diogo mordeu o lábio inferior, antes de pronunciar, com uma voz extremamente sexy: — Que delícia, minha Luzia!

Estranhamente, toda a minha excitação se multiplicou ao ouvi-lo pronunciar o meu nome daquela maneira, como se eu lhe pertencesse.

Foi algo sacana e, ao mesmo tempo, bonito.

Eu não sabia como explicar, mas estava completamente na dele. Sentia que aquele homem me tinha e que poderia fazer o que quisesse comigo.

Seu rosto desceu e, antes que eu pudesse me dar conta, os seus lábios já estavam tocando em meu seio direito. Sua boca envolveu aquela parte do meu corpo com bastante vontade,

chupando-o com força, enquanto ele tornava a apertar o esquerdo com a mesma intensidade de antes.

Não fui mais capaz de segurar os meus gemidos de prazer. Eles simplesmente escapavam dos meus lábios e a sensação era maravilhosa, como se eu estivesse com aquilo trancafiado dentro de mim por anos e agora tudo isso estava saindo.

Era quase libertador.

— Você é tão gostosa — ele sussurrou, enquanto intercalava entre os meus seios.

Diogo não deixou de mordiscar nenhum dos meus mamilos, mantendo o nosso ritmo intenso. Era doloroso ter os seus dentes pressionando-me daquela forma voraz, mas, ao mesmo tempo, extremamente prazeroso. E, conforme ele continuou a me mordiscar, todo esse prazer ofuscou quase que completamente a dor.

Nunca havia experimentado aquilo com homem nenhum.

Não me lembrava de ter alguém se esforçado tanto para me dar prazer. Geralmente esses homens preocupavam-se apenas com o próprio orgasmo, simplesmente deduziam que se havia sido bom para eles, então automaticamente havia sido bom para mim também.

Enquanto uma de suas mãos tornava a apertar os meus seios, a outra desceu, buscou pelo meu sexo. Como ele era um homem bem insistente, não demorou muito para que encontrasse exatamente aquilo que estava procurando.

Seus dedos não perderam mais tempo, começando a se movimentar lá embaixo, massageando aquela parte do meu corpo — que já estava bem molhada —, deixando-me ainda mais excitada do que já estava.

Eu nunca me senti tão entregue ou dominada. Diogo não chegava a ser agressivo comigo, mas possuía uma pegada bem forte, como um verdadeiro predador, não hesitando em explorar o meu corpo sempre que sentia vontade.

Ainda com os meus olhos voltados em sua direção, levei os braços até o seu pescoço, trazendo a sua cabeça para o lugar onde eu a queria, uma posição perfeita para que eu pudesse provar mais um pouco dos seus lábios.

Entretanto, ele se aproveitou disso para agarrar-me pelas pernas, pegando-me no colo. Ele me tomou em seus braços musculosos sem nenhum esforço e me carregou para a cama. Continuei a beijá-lo, desta vez, sem tentar pensar no que aconteceria, simplesmente vivendo tudo isso da melhor forma.

O rosto de Diogo despencou sobre mim, descendo em uma trilha de beijos por minha barriga, acordando todas as borboletas que estavam adormecidas em meu estômago. Quando ele chegou ao meu umbigo, voltou o olhar para cima, sorrindo e certificando-se de que eu realmente estava assistindo-o mergulhar sobre o meu corpo.

Não esperei por nenhuma de suas palavras, simplesmente livrei-me da minha saia e da calcinha, facilitando um pouco as coisas para ele — não que o safado precisasse de ajuda.

Suas mãos acariciaram as minhas coxas, antes de ele abrir bem as minhas pernas, deixando o meu sexo a mostra. Estava completamente nua em frente a ele, indefesa e ansiosa para ser usada da forma que ele quisesse me usar.

Eu queria ser devorada.

Uma presa estupida, eu sei.

Seus dedos começaram a brincar, agitando-se lá embaixo, fazendo-me dar longos suspiros.

Ele levou um de seus dedos até a boca e o chupou.

— Sua boceta é tão gostosa… — ele sussurrou, com uma expressão sacana. Diogo tornou a levar o seu dedo até o meu sexo e movimentou-o lá dentro, antes de removê-lo e questionar: — Quer provar?

Não respondi, mas isso não o impediu de trazer o seu dedo até os meus lábios, fazendo-me chupá-lo.

Droga.

Eu estava tão excitada.

Um dedo não foi o suficiente para ele — e nem para mim —, precisávamos de mais, muito mais. O homem entre as minhas pernas inseriu mais um e tornou a mexê-lo, pressionando-o com força, arrancando-me vários gritinhos de prazer.

Pensei que não poderia ficar ainda mais excitada do que já estava, mas fui completamente surpreendida por ele no instante em que senti a sua língua quente tocar a minha boceta. Olhei para baixo e pude ver a sua cabeça no meio das minhas pernas, como se

ele estivesse me devorando, engolindo-me completamente. Eu podia senti-lo me invadindo com a sua língua, penetrando-a cada vez mais, com uma fome insaciável.

— Ahhh! — gemi sem me importar com o quão alto a minha voz havia soado.

Nesse momento, eu já não ligava se um vizinho pudesse me ouvir gemendo. Não conseguia pensar em mais nada que não fosse aquele homem gostoso e a sua língua grande.

— Gemi pra mim, Luzia — ele pediu, quando se desgrudou do meu sexo. — Grita pra mim.

Não podia recusar um pedido dele.

Então, deixei de me policiar e gemi com vontade enquanto ele continuava me chupando.

Diogo estava me almoçando em cima daquela cama. Ao que tudo indicava, eu era aquela marmita fit que ele queria muito provar. O safado me degustava com bastante vontade. Ele estava, quase em um sentido literal, me comendo e eu queria continuar alimentando-o daquela forma intensa, queria mais que tudo deixá-lo completamente satisfeito, de barriga cheia.

Ele deu três leves tapinhas em minha boceta.

— Você está encharcada — ele comentou, tornando a me invadir com os seus dedos. Diogo movimentou-os lá dentro e então prosseguiu, dizendo-me: — Molhadinha.

Após me dizer aquelas palavras, ele tornou a se enfiar no meio das minhas coxas. A sensação do contraste entre a textura da sua

língua e os ralos fios de sua barba era maravilhosa. Alternava sempre entre o macio e áspero, sempre que me pinicava ao levantar o olhar, encarando o meu rosto.

Ele não estava apenas me chupando, Diogo me sugava de maneira intensa, como se estivesse arrancando o caldo de uma fruta. E o meu corpo inteiro se arrepiava sempre que o canalha deslizava o dente por minha pele, mordiscando-me de leve.

Mesmo tentando me segurar, estava quase tendo um orgasmo e ainda não tinha nem provado do pau dele.

E foi como se ele estivesse lendo os meus pensamentos.

Diogo afastou-se, finalmente me dando um pouquinho de tempo para respirar.

Sem fazer cerimônia, ele abaixou a calça, junto com a cueca, revelando o seu membro grande, lembrando-me de que eu queria muito fazer mais uma coisinha antes de senti-lo inteiramente dentro de mim.

Só de ver aquele cacete, a minha boca se encheu de água.

— É enorme — pensei em voz alta, uma vez mais.

— Relaxa, meu amor — ele sussurrou, cheio de marra. — Vai caber direitinho na sua boceta.

Eu não perdi permissão, simplesmente o envolvi com a minha mão, apertando-o e realmente sentindo-o pulsar. Voltei meu olhar para cima e comecei a punhetá-lo, enquanto observava a expressão daquele safado sendo tomada pelo prazer.

Por um prazer que eu estava proporcionando.

— Você também está bem molhado — observei, encarando o pré-gozo que era expelido da cabeça do seu pau.

— Você me deixou assim, Luzia… Duro e molhado.

Voltei a minha atenção para o mastro dele. Puxei a pele para baixo, libertando a cabeçona roxa que se escondia ali dentro. Ela já estava toda babada, devido as nossas brincadeiras anteriores e observá-la só me lembrou de que eu também estava molhada.

Forcei-me, tentando engoli-lo por completo, mas não obtive sucesso, pois realmente era grande. Entretanto, os gemidos do homem a minha frente me mostraram que as minhas tentativas não haviam sido em vão.

Passei a minha língua sobre a cabeça, limpando todo o esperma que era expelido e, durante um período, concentrei-me nela, lambendo-a com gosto, como se fosse a pontinha de um pirulito. Mas logo tornei a dar atenção ao restante de seu mastro, não deixando de passar a língua por nenhum cantinho de toda a sua extensão.

E enquanto eu tornava a chupá-lo, suas mãos rumaram em direção ao meu sexo, voltando a me penetrar com os seus dedos. Mas, desta vez, seus movimentos estavam ainda mais intensos, o que me obrigava a tirar o seu pau da minha boca para gemer algumas vezes.

Esfreguei meus dentes em sua pica, fazendo-o perder até mesmo a sua concentração em minha vagina. Adorava ouvi-lo gemer, pois sua voz sempre soava extremamente sexy e isso contribuía e muito para a minha própria excitação.

— Quero meter em você — ele me disse, levando os seus olhos na minha direção. — Tá pronta, minha delícia?

Eu estava mesmo pronta pra ser fodida por ele?

Não tinha a mínima ideia, mas queria muito senti-lo me destruir com aquela barra de ferro grossa.

Com os olhos ainda queimando o meu rosto, Diogo deu um leve beijo em minha boceta, antes de lambê-la por uma última vez, afastando-se.

Eu sabia exatamente o que ele iria inserir lá dentro dessa vez e ansiava por isso.

Diogo não esperou mais nem um segundo e forçou o seu membro contra o meu corpo. Seu quadril começou a se movimentar lentamente, deixando com que eu me acostumasse ao seu membro antes de aumentar o ritmo de suas estocadas. Ele esticou a mão esquerda, apanhando um dos meus seios e o apertou, fazia isso no mesmo instante em que metia, torturando-me de uma forma bem prazerosa.

Não resisti, levando a minha mão até a minha vagina, sentindo, através dela, o seu pau entrar e sair de lá de dentro. E também a usava para controlar o ritmo de suas estocadas, que já estavam bem rápidas. Mas não demorou muito para que suas mãos afastassem a minha de lá, segurando os meus braços contra o colchão e, consequentemente, prendendo-me.

E toda aquela imponência apenas contribuía para o meu prazer. Em poucos minutos, eu já era capaz de ouvir o barulho causado pela colisão entre os nossos corpos.

Encarava o seu rosto, a sua expressão que transbordava prazer. Seus olhos nunca abandonavam a minha face ou se fechavam, nem mesmo quando o ritmo de suas estocadas aumentavam, era como se ele não quisesse perder nenhum mínimo movimento em minha expressão facial.

Sentia-me realmente empalada por ele, pois os seus movimentos foram se intensificando, fazendo com que não gritar fosse impossível. E quando cheguei lá — naquele ponto que agora sabia que nunca havia realmente alcançado antes —, o meu corpo inteiro entrou em êxtase.

Levantei o meu pescoço para encontrar os seus lábios, queria beijá-lo enquanto ele me penetrava. Eu queria senti-lo de todas as formas e ao mesmo tempo.

Em determinado momento do beijo, precisei afastar os nossos lábios, pois não consegui deixar de gritar, em um longo gemido, quase um urro.

Suas metidas aumentaram mais e mais, fazendo com que eu imaginasse exatamente o que viria a seguir. Senti o seu pau crescer dentro de mim e, então, Diogo urrou alto, antes de gozar, inundando-me com a sua porra.

Afastei-me de seu corpo, rolando sobre o colchão. E diferente do que pensei, não estava envergonhada e nem mesmo enxergava o que havíamos feito como errado.

Éramos apenas um homem e uma mulher, cedendo aos seus desejos mais carnais.

Um casal qualquer.

— Gostou da marmita? — questionei relembrando-o de seu péssimo trocadilho.

— A minha porra dentro de você não responde a sua pergunta? — Diogo respondeu, com aqueles olhos negros me queimando. — Gostei tanto que assim que o meu pau se recuperar disso, vou comer de novo.

Não existia mais nenhuma hesitação da minha parte.

Aquele homem poderia me “comer” quantas vezes ele quisesse.

— Eu iria ado…

— Mãe? — Ouvi a voz de Vinicius e isso fez com que o meu coração parasse por alguns segundos. — Tá aí em cima?

Parte IV

— Mãe? — meu filho continuou gritando. A voz familiar fez com que eu me levantasse da cama num só pulo. — Onde você colocou aquela minha camisa de botão azul?

Parecia um pesadelo.

Que droga Vinicius estava fazendo em casa?

Geralmente, o meu filho só chegava de tardezinha, por volta das dezoito horas e ainda não era nem dezesseis.

Merda.

Merda.

Merda.

— Tá na última porta do seu guarda-roupa! — gritei de volta, correndo na direção do banheiro para me arrumar, principalmente me livrar do esperma de Diogo, que agora escorria pelas minhas pernas.

Arrumei o meu cabelo, vesti as minhas roupas e então notei que o meu maior problema continuava dentro do meu quarto. Diogo estava deitado sobre a cama, completamente despido, encarando-me com uma expressão de graça, claramente se divertindo com o meu afobamento.

— Se veste — sussurrei, entrando em estado de pânico. — AGORA!

Pensei em inventar uma desculpa que justificasse a presença de um homem desconhecido no meu quarto, mas logo desisti, sem a mínima ideia de como explicar isso para o meu filho, sem que ele concluísse o óbvio, de que estávamos transando.

— Fica aqui... Por favor! — tornei a murmurar, antes de sair do meu quarto, com o meu coração na mão.

Encontrei Vinicius na cozinha, vestindo a camisa azulada.

Estava desesperada e tinha medo de isso estar evidente em minha expressão.

Acho que nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

— De quem é aquele carro estacionado ali na frente? — foi a primeira coisa que ele me perguntou.

Merda.

Ainda tinha a porcaria do carro.

O que é que eu deveria lhe dizer?

— Eu não...

— É meu — A voz grave de Diogo soou, fazendo com que eu virasse o meu pescoço e o observasse descendo as escadas.

Estava pronta para desmaiar, simplesmente cair estirada naquele chão e me fingir de morta.

— Diogo? — Vinicius questionou num tom de surpresa, deixando claro para mim que ele o conhecia. — O que você... O que você está fazendo aqui, cara?

Como assim eles se conheciam?

Eu não conseguia nem raciocinar uma coisa assim.

Nesse instante, eu me esqueci de que havia acabado de transar com aquele rapaz. Estava totalmente atônita ao ponto de questionar: — Como é que vocês dois se conhecem?

— Estudamos na mesma faculdade... Diogo cursa ADM, a sala dele fica literalmente do lado da minha — meu filho esclareceu, mostrando-me que a situação era muito pior do que eu havia imaginado. Os olhos dele voaram na direção do moreno e então ele repetiu: — O que você está fazendo aqui em casa?

— Pergunta pra sua mãe — Diogo respondeu, fazendo com que o meu coração falhasse em uma batida.

Filho da puta.

Desgraçado.

— Ela bateu no meu carro que estava praticamente parado — ele tornou a falar, trazendo os olhos de Vinicius na minha direção. — Estou aqui pra acertarmos a questão do seguro.

— Você bateu o carro, mãe? — meu filho questionou, claramente assustado. Ele se aproximou e passou a analisar o meu corpo, como se estivesse a procura de algum ferimento. — Se machucou? Está tudo bem?

Quaisquer pensamentos a respeito do que o colega dele fazia no segundo andar da nossa casa desapareceram com a notícia do acidente.

Graças a Deus!

Nunca me senti tão aliviada ao contar que praticamente destruí o carro de alguém.

— Que mundo pequeno — Vinicius comentou, depois que Diogo contou mais sobre o acidente.

A essa altura do campeonato, meu filho parecia ter se esquecido de que o moreno desceu as escadas de forma completamente suspeita. Tinha certeza de que se ele suspeitasse de algo, isso seria refletido em sua expressão. Sabia bem quando meu filho estava mentindo ou quando algo o incomodava.

E, felizmente, esse não era o caso.

Os dois conversaram brevemente e então Diogo anunciou: — Eu tenho que ir. — Os olhos negros dele voltaram-se na minha direção, antes de ele completar: — Depois resolvemos a questão do carro, O.K?

— Eu… Deixa que acompanho você até a porta — disse ao moreno, torcendo para que o meu filho não nos seguisse.

Por sorte, Vinicius despediu-se do colega e foi na direção do quarto dele, para provavelmente terminar de se arrumar para onde quer que ele tivesse que estar tão cedo.

Ao cruzarmos a porta de casa, e longe do alcance do meu filho, indaguei: — Você sabia disso?

— Que você é a mãe de um colega meu? Claro que não! — ele respondeu, divertindo-se com a minha dúvida. Com os seus olhos em mim, ele acrescentou: — Mas, mesmo que eu soubesse sobre o Vinicius, não deixaria de foder com você por causa disso.

Enquanto caminhava, deixei claro: — Isso aqui... Nunca aconteceu.

— Eu discordo, Luzia — ele respondeu, com aquele sorrisinho sacana. — Aconteceu e, por mim, vai acontecer de novo. E de novo. — Abri a minha boca para rebater, mas ele foi mais rápido, dizendo-me: — Não me considero nem amigo do seu filho, mas agora estou considerando fazer umas visitinhas a ele…

— Você não se atreveria...

— Tem certeza? Eu sou um homem bem atrevido — ele disse, pouco antes de me puxar, roubando-me um beijo em frente ao portão da minha casa.

Fiquei paralisada, antes de despertar daquele choque e olhar para todas as direções, certificando-me de que ninguém havia visto, principalmente o meu filho.

— Até mais, minha delícia — ele sussurrou, antes de entrar em seu carro e partir, deixando-me com o coração na mão, totalmente disparado.

Antes mesmo que eu pudesse cruzar a porta de casa, o meu celular apitou.

O safado havia me enviado uma mensagem:

Gostaria de encomendar uma marmita fit bem caprichada.

Posso buscar amanhã à tarde?

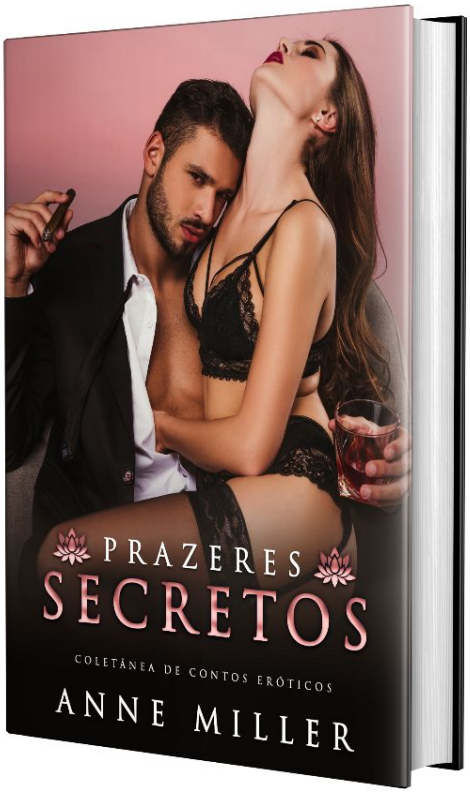
Isso me fez rir e revirar os olhos, entretanto, não consegui deixar de responder:

Estarei esperando.

FIM.

Conheça os Meus Outros Trabalhos

Prazeres Secretos



Prazeres Secretos é uma coletânea que reúne os contos eróticos mais quentes da autora Anne Miller. O livro é formado por quatro contos quentes, que exploram alguns dos desejos e fetiches mais presentes no subconsciente das pessoas.

Confira a sinopse de um dos contos:

GAROTA DE PROGRAMA POR UMA NOITE

Olivia sempre foi uma mulher careta e comportada, cujo único sonho era se casar com Diego e formar uma linda família. No entanto, no dia de seu casamento, ela foi abandonada pelo homem que amava, que nem fez questão de aparecer na igreja.

Em uma tentativa de ajudá-la a sair desse buraco, a sua melhor amiga a convida para uma noite das garotas, numa balada no centro da cidade. Contudo, o homem com quem ela esbarra no bar acaba confundindo-a com uma das acompanhantes que trabalham no local. Olivia não o corrige e acaba dando início a noite mais louca — e prazerosa — da sua vida.

Adquira o livro ou leia de graça pelo Kindle Unlimited

Dinastia King



Dinastia King é uma série de livros únicos e cada livro narra a história de um casal.

Confira a sinopse do primeiro volume, “James King”:

Um bilionário que fugia do passado.

Uma babá que desejava recomeçar.

Cansada de viver sob a sombra de Fernando e de sua vida perfeita após o término de um noivado que durou anos, Cristine Alves decide deixar o Brasil e passar uma temporada no exterior, longe de tudo e de todos. O recomeço dos seus sonhos. E a forma que ela encontra — a única que se encaixa no seu orçamento —, é inscrevendo-se em um programa de intercambio para babás.

Cumprindo com todos os requisitos do programa, Cristine é enviada aos Estados Unidos para cuidar de duas crianças, filhos de um viúvo que lhe foi descrito como ocupado e muito reservado. No

entanto, a professora, que se orgulha de toda a sua experiência com crianças e de seu excelente inglês, pensou em tudo, menos na possibilidade do seu novo chefe, James King, ser o homem mais sexy, rico e misterioso que ela já conheceu.

Na busca por um recomeço, Cris encontra uma improvável amiga, um monte de problemas "internacionais", duas crianças apaixonantes e um homem que lhe desperta coisas que ela nunca sentiu.

BOX COMPLETO

Contém todos os volumes e dois contos adicionais.

LIVROS DA SÉRIE

Livros da série, caso queira adquiri-los separadamente.

- Uma Babá Para James King (Livro 01)
- Uma Babá Para Dylan King (Livro 02)
- Uma Amante Para Adam King (Livro 3)

Trilogia Acompanhante de Luxo



Todos os volumes dessa trilogia já estão disponíveis na Amazon.

Sinopse: Ela tem um preço.

Ele está disposto a pagar.

Sabrina Lancaster é uma das acompanhantes de luxo mais requisitadas do "mercado". Imune a qualquer tipo de paixão, o seu único objetivo é tirar o máximo de dinheiro dos clientes de sua lista — ou, como ela costuma dizer, ser muito bem recompensada pelo serviço de qualidade que oferece a eles.

A mulher extremamente confiante e autossuficiente, que nunca acreditou em amor — ou qualquer outra coisa parecida com isso —, tem a sua vida completamente abalada quando um homem poderoso e sedutor cruza o seu caminho e faz com que antigas memórias retornem do fundo de sua mente. Ele, o seu novo cliente — conhecido como "Marinho" — é um homem complicado e

misterioso, com "métodos estranhos", envolvendo dominação. E o que ela ainda não sabe, é que o CEO não medirá esforços para comprá-la.

"A Garota do Bilionário" é o primeiro volume da trilogia "Acompanhante de Luxo". Embarque nessa história erótica e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

BOX COMPLETO

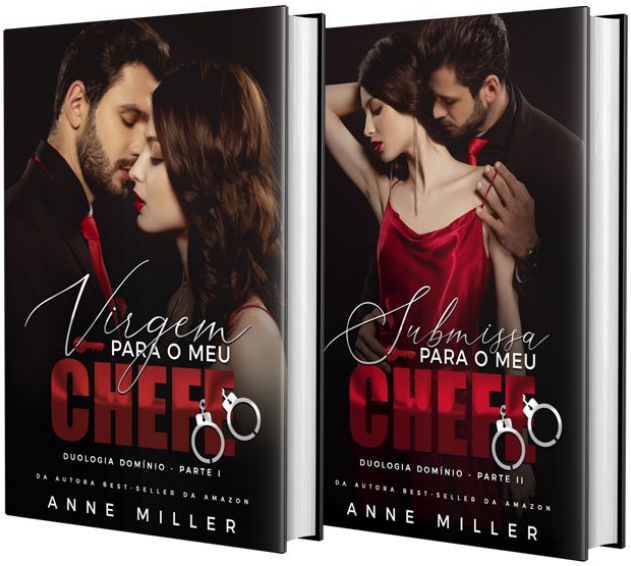
Contém todos os volumes.

LIVROS DA TRILOGIA

Livros da trilogia, caso queira adquiri-los separadamente.

- A Garota do Bilionário (Livro 01)
- Nas Mãos do Bilionário (Livro 02)
- Cem Dias Com o Bilionário (Livro 03)
- A Mulher do Bilionário (Spin-Off da Série)

Duologia Domínio



Confira a sinopse do primeiro volume:

Uma virgem submissa.

Um CEO sexy e dominador.

Depois do fracasso em sua carreira literária, Thais Pontes se vê obrigada a abandonar os livros e a aceitar um trabalho assalariado como recepcionista de um hotel cinco estrelas. E isso faz com que ela reencontre o poderoso e sedutor Alexandre Brandão, também conhecido como o seu primeiro e único amor.

Como se cruzar com o homem que a rejeitou no passado já não fosse ruim o bastante, ele — CEO de um grande grupo de empresas —, lhe faz uma proposta irrecusável. A consequência de aceitá-la, entretanto, é a proximidade que Thais passará a ter com ele, um homem sexy e irresistível, que ela ainda não tem certeza se superou completamente.

Contudo, em seu novo emprego, Thais logo descobre que Alexandre já não é mais aquele jovem gentil e atencioso com quem ela compartilhou o seu primeiro beijo. Agora, chamado apenas de "Senhor Brandão", ele secretamente gosta de dominar todas as suas parceiras sexuais, transformando-as em submissas.

O que ela ainda não sabe, é que entrará na mira desse predador!

LIVROS DUOLOGIA

- Virgem Para o Meu Chefe (Livro 1)
- Submissa Para o Meu Chefe (Livro 2)

Trilogia CEO



Todos os volumes dessa trilogia já estão disponíveis na Amazon.

Confira a sinopse do primeiro volume.

Uma linda mulher.

Um CEO de tirar o fôlego.

Já conhece essa história? Olhe de novo, pois essa aqui tem tudo para te surpreender.

Depois de vários problemas em sua vida amorosa e financeira, Vanessa Waller é obrigada a voltar para a casa da melhor amiga e trabalhar em uma grande organização, algo que ela — que detesta qualquer tipo de esforço — passa a odiar. Mas tudo muda quando a jovem conhece Bryan Leal, o irresistível CEO. Depois de se dar conta da posição dele na empresa, Vanessa começa a buscar novas maneiras de chamar a sua atenção, com o objetivo de

conquistá-lo e, quem sabe, lucrar um pouco com isso. Mas será que ela, a rainha da manipulação, corre o risco de se apaixonar primeiro?

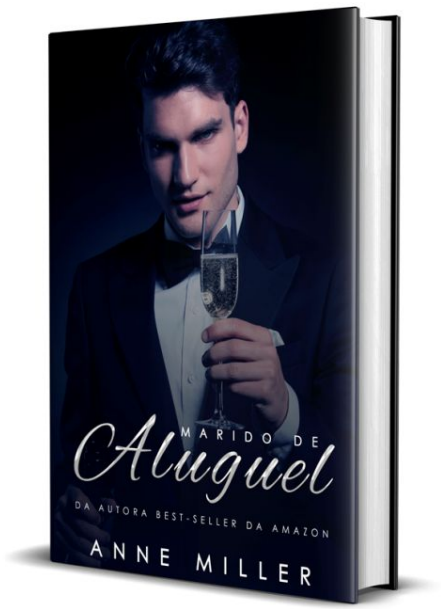
Embarque nessa história divertida e extremamente envolvente.

Renda-se a "operação" mais quente da Amazon.

LIVROS DA TRILOGIA

- Operação CEO (Livro 01)
- O Irmão do CEO (Livro 02)
- A Escolha do CEO (Livro 03)

Marido de Aluguel



Livro único

Sinopse: *O plano era muito simples, tudo o que Gabriele Novais deveria fazer era se dedicar ao seu trabalho na Revista Global e nunca, em hipótese alguma, colocar um homem como a prioridade de sua vida — assim como a sua mãe cansou de fazer no passado.*

No entanto, esse seu plano caí por terra no momento em que o seu supervisor revela que a diretoria — leia-se o dono machista da revista — nunca daria a ela o cargo de "editora chefe", a posição que Gabriele sempre almejou, simplesmente por ela ser uma mulher... Uma mulher solteira.

Com a ajuda de seu melhor amigo gay — que sempre fingiu ser o namorado dela —, Gabriele decide contratar um acompanhante de luxo para fingir ser o seu noivo e, desta forma, provar a todos que ela é a mais capacitada para o cargo.

Em um jogo de prazer e sedução, ela se encontra completamente encantada por esse misterioso cafajeste.

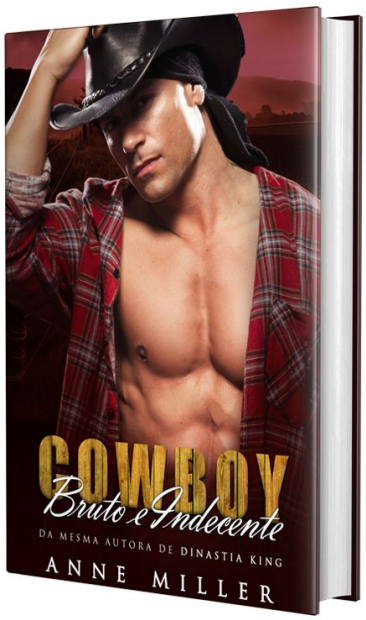
O homem perfeito tem um preço.

Você está disposta a pagar por ele?

Embarque nesse romance erótico e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

Adquira o livro na Amazon ou leia de graça pelo Kindle Unlimited clicando aqui.

COWBOY — Bruto e Indecente



Livro único

Sinopse:

Uma publicitária bem-sucedida.

Um caipira grosso e irresistível.

Patrícia Medeiros sempre foi uma mulher da cidade grande, mesmo crescendo no interior, detestava tudo o que era relacionado a “terra” e “mato”. Com o fim do noivado e com a sua vida na cidade desmoronando, Patrícia decide tirar férias no sítio dos pais, que não visita há anos. No entanto, o que deveria ser uma viagem para relaxar se transforma em uma montanha russa de emoções no instante em que ela conhece Beto, um peão grosseiro, mal educado e — ainda que ela nunca fosse admitir — muito gostoso.

Com um ex-noivo batendo na sua porta e um caubói extremamente irritante e irresistível cercando-a, a "madame" descobrirá que existem outras faces do amor e que esse sentimento pode ser bruto, cruel e arrebatador.

Adquira na Amazon clicando aqui

Anne Miller

Anne Miller é pseudônimo criado para dar vida a romances que sempre estiveram presos na cabeça da autora. Anne começou a sua jornada na plataforma Wattpad. Como muitas outras, ela sempre sonhou em contar as suas histórias — com uma pegada bem quente — para o mundo e, finalmente, está tendo a chance de vivenciar esse sonho. Além da trilogia ***"Acompanhante de Luxo"****, também tem a série* ***"Dinastia King"*** *disponível na Amazon.*

Acompanhe a autora nas redes sociais e fique por dentro de todos os sorteios, livros gratuitos e novos lançamentos.

- Site Oficial
- Livros na Amazon
- AudioBooks no Audible
- Grupo no Telegram
- Facebook
- Instagram
- Wattpad